

ANA KARLA CAVALCANTE FERREIRA

*IDAS*  
&  
*VINDAS*

IDAS E VINDAS NAS ESTRADAS  
DO CAMINHAR DE CADA MANHÃ

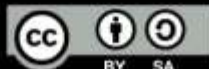
EDITORA  
**phillos.**  
ACADEMY

ISBN 978-65-99934-37-3



**S**intiefal

LEITUNG **phillos.**  
ACADEMY



**IDAS**  
**&**  
**VINDAS**

Idas e vindas nas estradas  
do caminhar de cada  
manhã

**DIREÇÃO EDITORIAL:** Willames Frank

**DIAGRAMAÇÃO:** Willames Frank

*O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.*



Todos os livros publicados pela Editora Phillos estão sob os direitos da Creative Commons 4.0  
[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

2017 EDITORA PHILLOS ACADEMY

Av. Santa Maria, Parque Oeste, 601.

Goiânia-GO

[www.phillosacademy.com](http://www.phillosacademy.com)

[phillosacademy@gmail.com](mailto:phillosacademy@gmail.com)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

S99p

FERREIRA. Ana Karla Cavalcante,

**Idas & vindas: idas e vindas nas estradas do caminhar de cada manhã.** [recurso eletrônico] / Ana Karla Cavalcante Ferreira. – Goiânia-GO: Editora Phillos Academy, 2021.

ISBN: 978-65-88994-37-5

Disponível em: <http://www.phillosacademy.com>

1. Caminhos. 2. Literatura. 3. Conhecimento.  
4. Aprendizado. 5. Sabedoria. I. Título.

CDD: 800

---

Índices para catálogo sistemático:

Literatura 800

Ana Karla Cavalcante Ferreira

# IDAS & VINDAS

Idas e vindas nas estradas  
do caminhar de cada  
manhã

## Dedicatória

A cada frase construída nos rabiscos deste livro, dedico a Dilma Cavalcante, minha tia, que na sua pequenez humana sob transformar a efêmera matéria em luz divina. Sei que onde possa estar, ao lado do Pai e nos braços de Maria Santíssima, está a iluminar meu caminho, transformando pedras em lamparinas.



1

Qual é o encanto que há no final do arco íris?

Nas idas e vindas da estrada da vida o encontrei, e de boas-vindas fui recepcionada com o mais doce encanto de suas cores.

---

<sup>1</sup> Fonte da imagem: foto tirada na viagem à Viçosa no período de dezembro a janeiro de 2015.

As idas e vindas, o destino me levava, e junto o meu  
pensar estava guiado para o que me aguardava no  
outro lado do arco-íris.

Que pena! Sempre esperava o outro lado, e não  
observava o quanto a estrada poderia ser bela.  
E assim, foi o caminhar matinal, um retorno na caída  
da noite. Atrevida sempre perguntava: encontrou?  
Sabidamente eu respondia: Não.

Uma excelente leitura para todos!



# SUMÁRIO

ACREDITAR NOS SONHOS .....	10
<b>CONHECIMENTO</b> .....	15
A DESPEDIDA .....	16
BARRREIRAS ENCONTRADAS .....	29
SEGUIR EM FRENTE NO TERRITÓRIO NOVO,.....	38
NO ESPAÇO ANTIGO .....	38
AS CURVAS,.....	44
NO CAMINHO PERCORRIDO .....	44
DA ESTRADA.....	44
TEMPO DE PREPARAÇÃO .....	51
<b>APRENDIZADO</b> .....	58
OS PERSONAGENS CHAMADOS VIDA.....	59
A HORA E A VEZ DAS PIMENTAS .....	68
EM BUSCA DO OÁSIS.....	74
O QUE FOI ESPECIAL.....	80
<b>SABEDORIA</b> .....	85
RETORNAR, PARA COMEÇAR DE NOVO ..87	
ADORMECIDO NA NOITE .....	92
COMO SE CONSTRÓI A HISTÓRIA.....	94

## ACREDITAR NOS SONHOS

Um pequeno grupo desacreditado resultou em um pensar insano. Em que mais tarde se transformará em idas e vindas, livro que hoje dedico a você caro leitor, e como testemunha perceberá no decorrer de suas páginas que os sonhos não têm fronteiras, precisam apenas nascer, para embalar as noites e se consumir ao calor do dia.

Assim nasceu o livro *Idas&vindas*. Não é um livro de memórias, é uma coletânea de fatos narrados em versões contagiantes de vida, amor, esperança e acima de tudo respeito ao que se faz em um espaço chamado sala de aula.

A nossa responsabilidade enquanto docentes não está apenas no processo de repasse de conhecimento, embora muitos acreditem ser apenas isso, vai muito além, há um comprometimento selado entre as partes, e é na sala de aula que concretizamos esse processo. O ensino aprendizagem é isso, ensinar, compreender para só depois aprender a

caminhar. Portanto, aqui os convido a refletir comigo nas páginas seguintes desse caminhar nas idas das vidas que nos cercam enquanto docentes e discentes.

Começo a imaginar que antes de chegarmos a concretizar uma parte dos nossos sonhos, passamos por lugares difíceis, são muitas realidades observadas, para só assim a nossa mente gerar e se permitir viver o sonho em seu ritmo próprio. Ao grupo de alunos narrados nas páginas é com maior respeito que escrevo, eles nem ousavam imaginar que existia um futuro, o presente era tecido em dia após dia, com sol ou a chuva, luz do amanhecer de cada um deles, sempre possuía as mesmas cores, um cinza pálido em tons de terra que em seu olhar não os viam nada além do nada. Ainda que duvidasse, o destino seguia seu percurso. O amanhã era capaz de ser moldado bastava um toque sutil e tenaz na firmeza de acreditar em si e ser capaz de alterar o próprio destino seguimos adiante.

Na composição destas linhas sai tecendo cada retalho e no final pude perceber que havia feito uma colcha sem muito nexos, e no lugar da simetria o que havia agora eram pontos de luzes que encantavam no brilho do conjunto, e ao se unir um ao outro, formavam

novas linhas, isoladas não diziam nada, mas unidas era o mais perfeito e belo na composição. No percurso as linhas se romperam, os retalhos ficaram soltos e como uma boa artesã, que tive que aprender a ser, sai tecendo, e em cada trajeto que havia sido deixado para mim com responsabilidade assumir o compromisso.

Assim foi o começo com o final espetacular de uma bela colcha de retalhos, construídas por fragmentos passados da vida individual, nesse instante passa a ser coletiva. Os retalhos, agora em forma de colcha, aqueciam o meu caminhar faziam com que intimamente a minha responsabilidade fosse mais cobrada e viva.

Confesso, foi difícil chegar e saber dessa realidade tão próxima e tão disporá da então até vivida dos meus alunos e mesmo já ter passados anos na mesma estrada, surpreender não é algo comum, mas nesse caso foi, estava com a primeira turma de alunos no campus recém criado, com alunos de várias localidades, não tínhamos estrutura suficiente e mesmo assim começamos em prédio antigo, em uma sala de aula, localizada no fim do corredor, o que para nós era tudo que naquele instante precisávamos. Fixo na minha memória estava a pequena árvore

no pátio externo, que no verão nos protegia do calor intenso e no inverno nos guardava da chuva forte, junto com eles a vi crescer e ficar uma planta frondosa.

A missão apenas começava.

A partir de agora, vocês saberão do que estou falando e no final da leitura estaremos unidos à compreensão da realidade dos alunos que vivem, trabalham e estudam nos interiores do nosso estado, realidade essa bem diferente dos centros urbanos, e dos docentes que diariamente o faz com dificuldades diárias e dignidade no exercício da profissão.

Saber o porquê em dados é fácil, mas conhecer próximos no dia a dia, por trás dos números é outra situação, só conhece quem vivencia e sente o prazer de compartilhar do mesmo pão no mesmo lugar.

As narrativas seguintes aproximam a mulher da cidade ao campo, da vida simples, do café no bule ao leite fora da caixa, tudo era muito novo, o medo era comum a ambos, ao que chegava e ao que já estava. O que será de novo? Indagações muitas vezes apontavam ao nada, o que levar e falar? Se as condições básicas, da mais pura necessidade humana não era suprida.

Como começar? Desafio maior para uma professora que sabia do ofício, saber o

porquê em dados é fácil, mas conhecer a realidade por trás dos números é outra situação que só conhece quem vivencia, para aqueles que desconhecem a arte do aprender, e acreditam que basta ensinar, essa lição não lhe será aceita, mas para mim eu não esqueci, trago a lição número um para vocês: sentir o prazer de compartilhar do mesmo pão no mesmo lugar, é o suficiente para a boa relação ensino aprendizagem.

CONHECIMENTO

## A DESPEDIDA

Último capítulo do início de uma  
história

É verão.

O rio que outrora ultrapassava as barreiras da ponte e inundava as terras mais distantes, hoje eu o vi, seco. Não acreditei, como pode aquelas águas agitadas e profundas não existirem? O que havia ocorrido no percurso do rio? O que antes trazia para mim o medo, nesse instante não representava mais nada, todo rio era apenas solo pedregoso e no leito havia pouca floração que ainda teimava em nascer, representando a vida que ainda existia naquele lugar.

Passei mais uma vez sobre a ponte do rio, mesmo sabendo todo o seu percurso e as curvas, o destino naquela manhã impôs um trajeto novo. A calmaria das águas como em um baile, dançava lentamente sobre as pedras, já não mais a incomodava suas ondas, de tão leve que



passava, tinha-se a sensação de que as pedras estavam sendo polidas por suas águas. O comportamento, outrora tenaz, agora pedia licença para passar. O rio em sua sutileza, não passava como antes o destino o transformará. Seguir adiante ao meu. Estou indo. E com o meu melhor, nesse percurso, sigo mais feliz, transformações chegam, basta apenas conhecer o antes e compreender o depois.

O rio era um prenúncio da natureza a informar, que como o rio a vida cercasse de ciclos, a cada nova lua, o destino molda o caminho. A mudança ocorreu, a cor, as águas e o seu cheiro e mesmo sabendo de sua mudança, aquele rio continuava sendo o mesmo.

E nessa estrada que me leva, carrego comigo na bagagem o mais precioso que se possa ter, levo o prazer de atender aos meus alunos e dizer: vocês conseguiram. E dia esperado chegou.

Na secreta amiga estrada, o calor, esse como sempre me aquecia além do necessário, os meus pensamentos não deixavam mais incomodar com o calor da tarde do verão, com muito orgulho estou indo ao encontro deles, mais do que ontem, consegui provar que unidos conseguimos mudar o nosso próprio destino. Hoje o dia é especial, nada poderá ser mais

importante que o resultado alcançado por esse pequeno grupo de vencedores do seu destino e fazemos caminhos onde, ainda, não há estradas prontas.

Sei o quanto custou a presença aqui, há tempos, nas idas e vindas da estrada desse pequeno pedaço da vida, que ao se seguir, vencemos os pequenos obstáculos do caminho e aos grandes aprendemos a desviar. Entreguei a chave do conhecimento, e a partir desse ponto eles saberão as portas que deverão abrir e as que não devem entrar.

Aos olhos brilhantes via o pulsar visível da alegria, esses falavam mais alto que a própria fala, e a cada olhar que cruzava o meu, via a felicidade dizer: eu posso ir ao meu destino encontrar. Sentia que o brilho era diferente, continha algo a mais, sabia também que a cada narrativa da história de seus componentes, existia um novo contar, agora sem as lamúrias do passado e com esperança no presente. Cansaço esse não existia, as palavras não travavam, fluíam naturalmente nos lábios dos que ali estavam e só quem viveu sabia o que significa aquelas palavras. Ecoa sublime como a música alegria expressa nos risos dos vencedores e que calmamente no ar era captado o meu respeito por eles presente. E como uma onda,

multiplicava-se a alegria. Celebrava agora o sol que presente irradiava sua energia a vitória de juntos concluirmos essa etapa.

A principal lição aprendida foi que para vencer é preciso começar, o tempo é sempre o hoje e o começo da história precisa ser escrita desde já. Nada mais pode atrapalhar aos que com garra buscam o que lhes pertencem. Missão cumprida permaneci quieta à espera da minha fala. Não escondia a emoção da conquista.

Agora é chegada a hora da despedida, as breves palavras soaram em meus lábios que juntos contaram um pouco do que levei e deixei com eles naquela tarde de celebração.

Comecei afirmando: viver, a coisa mais bela na vida, viver com intensidade mais ainda.

*- Hoje nesse local compartilho com todos a sensação gostosa do alcance atingido e do dever cumprido. E é essa sensação que inunda de felicidade os nossos espíritos que irei dialogar com vocês.*

Apenas a ouvir o som da minha voz, em emoção continuei:

- As palavras que lhes trago são simples, nenhuma novidade, iremos recordar aquelas que aprendemos nas idas e vindas desse nosso templo chamado escola, e em um tempo

denominado aprendizado que juntos soubemos utilizar a arte do pensar em construção. Unidos, tecemos com o mais puro linho o que aprendemos, e digo mais: por maior que possa ser a força externa, e ao se entrelaçar nas nossas mãos o conhecimento, nada mais poderá rompê-lo, digo e reafirmo o fio do aprendizado constituinte desse nobre tecido os cobrirá sempre, do inverno ao verão, ou em qualquer possa ser a estação do ano que virá daqui por diante.

Recordo e afirmo, apenas as forças interiores, essas sim, poderão definir o seu novo trançado, e essa com toda certeza sei que vocês as tem com garra e altivez e aprenderam a usar como bons artesãos que teceram o ser mais do que ter.

Começarei a falar apenas o que aprendi com vocês: sabedoria e paciência. Difícil acreditar, mas foi assim que a história começou a ser construída. Vocês chegaram aqui desacreditados, ansiosos e um irresolutos com o que poderia vir a acontecer. Acreditavam que o tempo não passava, as manhãs e tardes eram infinitas e não havia trilhar a guiar o seu caminho.

Tudo passou e hoje estamos unidos para contar a história do nosso tempo.

O saber encantou cada um, e vocês o adquiriram com a magia o aprender. Não nego, e sei o quanto foi difícil concluir essa etapa, apenas reafirmo o saber esse que vocês adquiriram, claro, graças a força e a vontade de vencer os obstáculos, os fortaleceu para impulsionar a história a seguir. Sintam-se orgulhosos de tudo que já conquistaram e mesmo pequeninos nesse universo não se importem, vocês são únicos. Nós seres humanos, no quadro das espécies existentes possuímos o que nenhum outro ser vivo é capaz ou dotado de ter, apenas nós, somos capazes de agir não só com o instinto, somos pensamento em ação. Esse por sua vez, é o maior ganho de sermos humanos, assim nos distinguimos dos demais animais inferiores, fazendo-nos senhores do nosso próprio destino.

- Isso mesmo, somos diferentes!

Digo mais:

- Em uma posição ímpar e privilegiada, nós seres humanos, por meio de nossas faculdades mentais superiores, criamos a beleza existente nas artes, definimos a certeza das ciências e concluímos pela reflexão máxima do pensamento até onde podemos ir ou mesmo chegar.

E repito, o que outrora já havíamos conversado em sala de aula:

- O céu é o limite, só lá é o ponto máximo a ser atingido, portanto sigam sempre em frente acreditando no seu potencial.

- Não esqueçam! A cada novo minuto tudo que está ao nosso redor está se modificando, gerando assim novas formas de agir e pensar, não só no homem, como também em toda a estrutura social. Portanto, nós também, somos responsáveis por tudo isso. Indeterminadamente tudo está se modificando, sem que assim percebamos.

E agora é o momento de transformamos o nosso destino usando a razão, visto que somos únicos dotados de inteligência e capacidade de interferir diretamente nesse processo.

Muitos de vocês devem se perguntar:

- Eu? Nada posso fazer. Como em um ato de pensar, aquele que sempre fazíamos em nossos encontros nas aulas, lhes respondo:

- Vamos pensar!

Se algum dia, um de vocês forem visitar uma aldeia de índios primitivos, aqueles que vimos em séries de TV, sem as condições usuais que hoje temos, e compararmos o ambiente em que eles estão inseridos, com o espaço ocupado

nas grandes cidades poderemos sim, avaliar o nosso poder de transformar. E maravilhados, observamos o nosso redor perceberemos o quanto o conhecimento técnico-científico aprimora e modifica o nosso ambiente, permitindo-nos viver mais e com maior conforto. De geração a geração, saímos do domínio do fogo ao experimento das células-tronco.

O nosso conhecimento nos mostra que nada é estático, os átomos não param, tudo se movimenta, ou seja, independente da nossa ação tudo se transformará e nada está parado.

Não cansarei vocês com a aula de história, até porque nosso conhecimento é ínfimo ao que possa ser expressado na grandiosidade do tema. O que pretendo não é discorrer sobre uma aula de evolução, ou conhecimento, até porque não somos tolos e sabemos que o avanço e desenvolvimento não trouxe apenas benefícios, basta lembrarmos, desde a pré-história, a ponta afiada da lança na madeira talhada até as bombas nucleares, o quanto foram devastadoras, e sem esquecer também, o uso irracional dos nossos recursos naturais, que segundo perspectiva tornará o nosso planeta inabitável em pouco tempo para muitas espécies, inclusive a nossa.

O que peço hoje nessa tarde, é que possamos utilizar a razão da forma racional que equilíbrio. Ou melhor buscarmos em nosso instinto animal, a sobrevivência da nossa espécie. Não é tarefa difícil, convido-os a observar como as formigas se comportam, elas utilizam a cooperação e assim as mantém em comunidade ativa.

- Isso mesmo, só com o trabalho coletivo alcançaremos com maior rapidez o que almejamos, e assim fica a lição para todos nós, a cooperação é o propósito real para avanço e permanência da humanidade. Essa, portanto deve ser a Lei da sobrevivência, basta apenas, para tal, despertá-la em cada um de nós. A palavra-chave, é TRANSFORMAR, usando a razão cooperando com o coletivo para o bem individual, e não o contrário.

Para finalizar:

o momento que atravessamos na história da humanidade em que as fronteiras são fechadas e imutáveis, aprendemos hoje a lição da transformação com cooperação, o que é então necessário para que possamos nos manter seguros e aptos no mundo?

Apenas sigam os instintos mais simples e ajam com ética e respeito ao outro, esse deve



em primeiro lugar está refletido em nós, e focarmos que nós não somos substituídos, somos únicos nesse universo plural. Conto-lhes um segredo que carrego comigo até hoje, é uma lição que muito nova tive que aprender e a deixo com vocês:

- Sou única, e o universo conspira de acordo com a onda em que eu a deixo levar.

Ninguém pode ser substituído ou trocado, somos ímpares sem reprodução e mesmo que alguém venha a lhe dizer: você pode sair, que outro ocupara seu lugar, pergunte: quem substituiu Sebastian Bach? Falo do pequeno grande homem, compositor, regente, organista e professor do século XVIII, modificou o seu tempo, e na apreciação contemporânea Bach é considerado o pai da música, deixando muitas obras para posterioridade, e conseguiu desenvolver de uma forma quase que perfeita a arte musical, os que vieram depois dele não conseguiram atingir o seu ponto.

O talento esse seu, é INSUBSTITUÍVEL, busque a sua melhor contribuição!!

Você simplesmente é único!!!

Digo-lhes, mais:

*- Viver! A coisa mais bela na vida, viver com intensidade mais ainda! A questão agora não é a direção que você irar seguir, mas sim o sentido dado ao seu próprio destino. Os seus valores é que determinaram o seu caminho.*

E aos navegantes da nave chamada Terra, pergunto:

- Qual o barco a seguir você irar querer remar? Ficarà na proa ou no convés?

Não importa, o principal é adequar as velas ao movimento do universo e os ajustes estará sempre em suas mãos, e mesmo que não possa mudar a posição do vento, és o senhor do seu caminho. Nunca esqueça, que o mais importante não é a direção que você irar daqui por diante, mas qual o sentido que será dado ao seu destino.

Confirmou: Vocês mudaram!!

Lembram que eu disse um dia: vocês entraram aqui de um modo e saíram outro, assim aconteceu, só que agora mais fortes e seguros no que almejam e buscam. Perceberam que, a fenda dos seus olhos foram retiradas e junto descobriram que quando se adquire o saber, descobrem-se novos campos, que outrora não havia sido percorrido.

Esse é significado da palavra SABER, a expressão máxima da condição humana, âmbito universal da sobrevivência em luz a orientar o caminho a ser percorrido, não deixem de segui-lo sempre.

Lembram-se do que conversamos que assim como os pássaros vocês já alçaram o voo.

E com garra e vontade, venceram tudo que havia colocado nos obstáculos de suas vidas! Por isso, para mim vocês são os heróis que, como em um dia quando crianças se vestiam e nem sabiam que na realidade iriam incorporar na mais pura essência, assim o fizeram no tempo que permaneceram aqui conosco.

Hoje iniciam a vida profissional, onde, a ética, a humildade e o respeito, além da competência será a bússola de vossas existências.

Emocionada, encerro dizendo: E como diria aquele velho anúncio publicitário “não há dinheiro que pague, todo o resto sim”, o carinho e amizade por vocês será eterna, como é também o respeito pelas diferenças que os fizeram tão iguais. Iguais sim!!! Ao acreditarem que poderiam e foram, aos que lutaram e buscaram sempre o melhor e conseguiram.

Caros. Hoje é o último capítulo de um início de uma história.

Saio de cena com a certeza do dever cumprido. Volto à noite guiada pela luz das estrelas e na bagagem a satisfação de que nesse trajeto a arte de ensinar e aprender tem um nome chamado docência.

\*Discurso de certificação de turma I turma do ensino técnico em Administração, campus viçosa, Instituto Federal de Alagoas. Viçosa /Alagoas. Janeiro de 2017.

## BARRREIRAS ENCONTRADAS

Só há um modo de vencer: Acreditar

Nas idas,

a postos estava em uma calça jeans e camisa branca, nada além, bastava isso para enfrentar um calor intenso sempre presente, ou um frio raro, poucas vezes visto. O essencial, e que nunca poderia faltar é um sapato confortável que lhe possa dar agilidade necessária para caminhar sem se cansar, entrar sem chamar a atenção, e sair sem ser percebida, e é esse o fardamento próprio de uma guerreira no seu campo de trabalho.

Era estranho que mesmo achando normal, em um lugar comum como impressionara naquele ambiente o meu semblante, às vezes transmitia um ar angelical, que contrastava com o brilho ao das madeixas vermelhos. A voz forte, entoava aos quatro cantos ao som estridente, e ao mesmo tempo tão

suave que nem se percebia sua chegada. Aos que me acompanhavam não sabiam exatamente quais seriam os próximos passos. A labuta diária se iniciava desse modo, quieta e devagar e aos poucos eu ia tomando conta de todo o espaço que pudessem ser ocupado, os novos encontros sempre tínhamos algo a discutir do anterior, esse foi o fator que fez produzir entre nós cidadãos que começaram a ter uma história a contar.

Desde o início eu já sabia que o tempo, ao contrário dos meus anseios, andava na minha frente, o que fez com que a luta nos fizesse mais forte, até porque a necessidade de alcançar o objetivo era maior do que tudo naquele momento. E nosso espaço chamado sala de aula tinha um porquê questionador. O mais importante agora é pensar no que fazer, pois como já se sabe o tempo não é bom um amigo, sabendo-o tratar pode até vim a ser um aliado, nada mais do que isso. E a essa afirmação sobre o tempo, como sendo um fator que sempre anda ao contrário do que podemos querer, e aqui não poderia ser diferente, os apresentei desde o começo dos nossos contatos, e com certeza ficou gravado com eles no seguir dos nossos contatos. Mais importante que o tempo que temos é o que faremos com o tempo eu nos resta, e mais é essencial estamos sempre

preparados com a vestimenta adequada e prontos a seguir o caminho.

E como fazer então? Ensinei aprendendo a parar a cada novo passo, a escutar, e só partir de então o caminho seguirá, as fronteiras estarão abertas, se estivermos preparados para esse caminho proposto. Diariamente ao término dos nossos encontros destacamos que não podemos estar à frente sem olhar para trás. Aprendemos que o nosso local de aula é igual ao ambiente de batalha, que como lá, aqui as atividades nunca se repetem, e tudo sempre traz a surpresa do novo para mais perto. Não podemos fugir da missão, a hora é para cumprir as determinações, e apenas isso importa no percurso diário.

Muito pouco, ou quase nada, eu sabia sobre aquele lugar, apenas o que me foi passado em letras escrita em documentos frios, seguidos em uma sequência de ordem alfanumérica. O que se comentavam nos corredores daquele ambiente de formação, era de que os nomes presentes nas listas não sabem o porquê daquele curso, o que estão fazendo naquele local e muito menos qual seria o motivo de continuar ali.

Esse sim, foi o primeiro desafio que tinha de enfrentar. E com os instrumentos que foi dado, caneta, papel e uma louça branca

comecei. Antes, só havia uma coisa que eu podia fazer: parar e pensar de como iria avaliar a melhor atitude e de como chegar de uma forma mais concisa a eles.

Iniciei o desafio do mosaico que passei a chamar de colcha de retalhos, sabia que esse mosaico para ser alicerçado, não podia ter pressa, e com muita calma comecei com eles a unir os pedaços espalhados. O desafio é o que me motiva quanto docente e por mais experiência que tenha, tudo sempre é novo, a cada nova turma uma sala de aula é sempre uma nova provocação. E mesmo tendo a certeza que a lista de frequência em minhas mãos não havia mudado, as manhãs seguintes ao adentrar nesse território, sabia que hoje não seria como o ontem, nossos encontros, novas descobertas nos esperava, a certeza que passamos a ter: nunca um dia será igual ao outro, é isso foi que fez ser encantador o desafio do encontro diário em nossa turma.

Sabia que o importante seria buscar o arco-íris que havíamos visto no horizonte perdido, este é o espetáculo, e a parte a nós integrantes desse maravilhoso espaço já aguardavam ansiosos para encontrarmos. Não foi fácil, no começo, tudo é novo, e o ambiente sempre é inóspito para o que está chegando.



Com o passar dos dias, vai esse ambiente iniciado em tons monocromáticos assumir a diversidade em tons de vida, agora nada mais poderia nos aterrorizar e aos companheiros da batalha diária, se transformaram em heróis de suas histórias, chamada aprendizado se iniciava então.

O difícil para mim era superar os próprios limites impostos pelo meu preconceito enraizado na sociedade na qual fazemos parte e nem nos damos conta do seu poder sobre nós. Digo, esses encrustados em nós são os mais difíceis de vencer, pois dentro de nós mesmos, nós insistimos em colocarmos nossos posicionamentos acima de tudo, e carregamos em forma de adereço que retiramos quando achamos necessários, e recusamos a colocarmos de lado, pois em muitos dos casos, de tanto usamos os nossos conceitos, não admitimos que aquele adereço pode e deve estar em desuso, sem serventia, pesado, oxidado e que só faz peso no nosso lado. Somos assim: resistentes a mudança. Sempre fazia questão de levar em minha bagagem usual, me acostumei com isso e o que aos olhos do homem não fizesse os retirava, era cômodo pensar e agir como à maioria.

Assim são formados os conceitos, as regras são ditadas antes mesmos de nos conhecermos, acontece muito e não percebemos. Ao adentrar no ambiente do nosso convívio que agora é a sala de aula, já defino de quem será cada papel no enredo aula, e infelizmente na hora do julgamento antecipadamente colocamos a nota a parte, apenas em sua apresentação a confirmamos ou não.

Estava eu mergulhada aos olhos do homem, com conceitos já antecipados para aquela jornada e eles também assim o estavam comigo. Iniciamos assim, escrevendo em uma folha de caderno os relatos de cada história ali presente, uns se saber se tinha história e outros que criavam suas estórias na melhor forma que o convém. Sentia uma angústia ao ouvir os depoimentos, como podia essas pessoas não terem sonhos? Muito menos ideais, aliás estas palavras não lhe eram conhecidas. Aos seus olhos era apenas visto o que as viseiras dos outros falavam.

O começo foi assim, víamos opiniões dos que estavam próximos de nós, ainda tanto eles quanto eu não podíamos dialogar sobre os nossos sonhos e conquista, o tempo foi construindo o nosso universo. Aos poucos os

olhos da alma que estavam bloqueados, o não me deixava enxergar o mais importante foi sendo aberto. E aqueles conceitos aos poucos, não se fazia mais usual e muito menos se enquadrava.

E um dia nas idas, os olhos do corpo e da alma se encontraram e entrelaçaram -se fazendo ser único e belo, e a luz forte produzida despertou a trilha a qual iríamos seguir.

Unidos aos poucos em doses homeopáticas foram sendo retirados os velhos adornos e adereços, depois de um bom tempo, afirmo, foi difícil, mas com cuidado para não machucar foi sendo totalmente retirado o que não servia mais. E ao cair por terra, quebraram-se em pequenos pedaços os velhos preconceitos, espalharam-se por bueiros e e nas matas mais escondidas foram ao seu destino, para que de modo, não houvesse possibilidade mais de retornar. Naqueles pequenos pedaços junto estavam, as afirmações e negações, as dores, as dúvidas: do certo ou errado, medo do desconhecido e a impossibilidade da derrota, tido isso já não fazia mais parte do nosso dia, e essa para mim foi a primeira e maior conquista vencida.

Agora o novo era seu conhecido de longas datas, nada mais me assustava e nem

temia, apenas me deixava navegar. Sim, a batalha em conquista podia começar estávamos todos preparados.

E assim essa mulher com os cabelos vermelhos se fez sentir mais leve e ao mesmo tempo mais confiante, aos presentes sentiam a importância desse novo adereço que os cobriam de coragem e vontade de vencer. As barreiras foram aos poucos superadas e naquele local que antes se apresentava intransponível foram sendo substituídos pela audácia de ser capaz. Mesmo sem saber, quando no momento que começamos a reconhecer o nosso potencial, passamos a sermos vencedores, e mesmo não sabendo, ao adentrar naquele espaço, não sairiam mais os mesmos, seriam novos homens e mulheres dispostos a superar obstáculos e barreiras que lhe possam ser impostas no decorrer dos anos.

O primeiro passo à conquista se dá dessa forma, creditar para que se possa acreditar, a confiança é início de qualquer que seja a caminhada. As barreiras internas, essas as físicas e/ou emocionais, somos nós mesmos que a construímos, e a deixamos assumir as mais diversas formas, muitas vezes amorfas se adequam e quando nos damos conta é parte do nosso eu, preenchendo até dos menores espaços

que nem mesmos imaginamos que possa existir. Primeiro passo na busca da vitória é acreditar que as nossas barreiras não são nossas, são importas pelas circunstâncias e momentos presentes, é necessário reconhecermos que o limite da tolerância é vencer e o desprendimento está na conquista do espaço maior.

A batalha se aprende a vencer com passos firmes, ombros erguidos e cabeça ereta. Desse modo que se caminha nas idas da vida. A perseverança passou a ser a palavra que soava até nos ouvidos dos mais incrédulos, dizendo-lhes: para vencer basta está vivo. Assim comecei a ida no caminho que fortaleceu o corpo e solidificou a alma em graça plena.

Sabemos que a ida mesmo sendo difícil e nossa resistência é a principal barreira o importante é que os nossos olhos, agora fortalecidos, transformem o amarelo em sol que a brilhar possa afugentar as trevas escuras que teimam em aparecer e se esconder em nós.

Chega a hora, abri a caixinha e ver o que por dentro possa estar.

SEGUIR EM FRENTE NO  
TERRITÓRIO NOVO,  
NO ESPAÇO ANTIGO

5h30

O dia amanheceu. O que se imagina ao abrir os olhos? Nada.

Com toda certeza, no amanhecer o vazio ronda nossos pensamentos, essa é a única hora do dia, em que nada se pensa e tudo percorre à mente buscando respostas. Não sabia o porquê, apenas ávida levantei com a luz que teimar em penetrar na janela do meu quarto, que insistia em dizer: hora de levantar-se, e eu em pensamento respondia a minha mente já está acordada. O que mais eu mais desejava naquele momento ímpar do dia era de permanecer naquele lugar. Embora soubesse que a batalha era inútil, o corpo que insistia em permanecer inerte naquele aconchego do lugar escolhido.

Precisava vencer as barreiras do dia que se iniciava. A obrigação me impede de ficar, e sem muitos questionamentos repito, como de costume:

Paciência. Vida que se segue.

-Você sempre vence, (digo para o meu eu)

No espetáculo à parte, o dia sempre em presenteava com o sol em brilho intenso, calmo e acolhedor, que como abraço de mãe, envolvia o meu corpo dando a energia necessária para que a partir desse momento segue em frente.

Agora assim o dia começava a ditar suas regras, e não ao contrário como erroneamente imaginamos, não somos o senhor do nosso destino, o tempo e o momento segue o seu fluxo, com ou sem nossa autorização, apenas como observadores percebemos os passos seguidos, e os que virão a partir do caminho esse sim deve ser traçado por nós. Desde cedo aprendi que as regras são postas na mesa e no jogo diário, com ou sem o meu consentimento, a trajetória da vida se inicia a cada novo amanhecer. Acreditar que irei ordenar o meu próprio percurso, é um mero engano, por mais que se imagine, ninguém consegue escapar desse encantado jogo chamado vida, o grande

questionamento é, o que virá a acontecer? E mais do que ontem, hoje aguardo para ver.

No meu ambiente de trabalho, em todos os dias levo comigo a caixinha de Pandora e sutilmente, esta só é aberta quando lá eu estou. Nesse momento se inicia o meu caminhar diário. Um dia, o outro, e assim por diante a caixinha chamada vida, vai ficando mais cheia e por incrível que se possa parecer em certos vazia, esta fica. Nem sempre existia algo que pudesse ser apresentado. A certeza que tenho, diversas vezes a velha caixa me presenteava com surpresas imagináveis. Longas são as horas que está sendo composta a minha caixinha. Nos encontros diários são depositados meus eternos sonhos e profundos devaneios, e no pôr do sol são guardados como lições para o dia seguinte.

E hoje, qual será o adorno que irei colocar nela? Quais serão as cores que seguiram no meu andar? Deixo-me lançar no maravilhoso interno mundo encantado para descobrir, qual o encanto na surpresa de hoje. O que posso afirmar é que nenhuma peça aqui colocada é igual a outra, a cena seguinte em nada se repete com a anterior, e vamos então seguir ao trilhar da vida a nos oferecer.



Bom ou ruim, não sei. Tudo dependerá da forma como irei abrir a caixa chamada destino. Como fazer:

Primeiro, com cuidado a carrego bem próxima do meu peito, como uma criança que necessita do colo da sua mãe, e como um relicário levo-a com zelo, pois sei que ali está sendo depositado o melhor de mim, não poderia eu danificá-la. O importante é tentar ao máximo deixá-la intacta para que, apenas na hora certa, pudesse fechar sem afetar as demais entradas. Segundo devo, sempre, retirar a poeira encrustada dos dias passados, visto que a limpeza externa, contribui para uma boa conservação das partes internas, e por último observar organizando, o que se havia deixado do dia anterior, se estava no mesmo lugar, e quais as ranhuras que se havia deixado? E caso percebesse, viria o que fazer, consertar? Ou simplesmente desprezar excluindo da minha própria caixa o que não é mais necessário naquele espaço permanecer.

Diariamente passei a fazer isso, embora houvesse dias que de tão cheia a minha caixa estava que não conseguia saber como começar e muito menos terminar. Confesso, que o mais o mais difícil é saber, o que deva sair ou ficar? E qual vai ser o destino pós retirado? Permanecer

na caixa ou excluir. Esse é o primeiro exercício diário que todos os dias aprendo a fazer. Ao vasculhar a minha caixa diária, evito iniciar com o pó do dia anterior, e a própria névoa encobre as manchas anteriores se não forem limpas ficam marcadas, e no dado momento farão com que nós não enxerguemos o que deva permanecer ou não. Parece uma perda de tempo, mas na realidade é um ganho para um tempo corrido. Programo o meu dia assim, limpando minha caixa de pandora. A sabedoria se afina assim, na limpeza diária da nossa vida.

Para que o desconhecido viesse ao meu alcance sabendo que seria recebido da mesma forma que foi no dia anterior, sabendo que hoje é a continuação do amanhã e que ontem foi o fato que fez o meu presente a ser como é.

Portanto, aprendi que a minha caixa não pode ser aberta de qualquer jeito, deve ser um ritual de cada amanhecer na continuidade do ontem que trouxe o futuro para o meu presente. As surpresas passaram a não ser mais desagradáveis, me antecipo no futuro de hoje com a certeza do que possa estar lá dentro, escondido até mesmo no fundo do baú. Aprendi a acordar assim, deixando-me surpreender com o presente sem medo do que possa ser

encontrado no fundo da caixa da minha própria vida.

Seguir a diante no percurso, olhar para trás sim, definir o presente pelo futuro, não, apenas observar e seguir adiante. E as curvas da estrada me aguardam no caminho do sol e meu leme direciona o vento do meu barco.

AS CURVAS,  
NO CAMINHO PERCORRIDO  
DA ESTRADA

A cada reta, um horizonte.

A cada curva, uma incerteza.

Acordar.

Vejo o dia chegando de mansinho, e sempre me dizendo: bom dia! Pena que nem sempre respondo na mesma alegria com a qual o dia amanhece para mim, uma luta diária com o sono, e o prazer contínuo ao abrir os olhos permanece.

O meu corpo necessita ficar em pé e seguir adiante, um gole de café é sempre bom e bem-vindo, já arrumada para o novo, levava apenas o que era necessário, e claro, mais um pouco. Não havia tempo suficiente para que eu degustasse algo a mais, e nem mesmo o queria, visto que nessa hora da manhã um pouco de café já é suficiente. Lembro com saudades, o cheiro

e sabor, mais do eu especial, da infância o café quentinho que vinha com cheio de cuidado, aconchego, e preocupação comigo. O que tinha, agora era bem simples, e mesmo assim sabia o que custara está na minha mesa com seu simbolismo revestido em pequenas doses.

Um café é suficiente para despertar e seguirá adiante, mais tarde, com certeza o corpo pedirá mais alimento que preencha os espaços gastos do dia.

As manhãs dentro de mim são sempre assim, respostas lentas, é necessário um pequeno tempo para que tudo, em equilíbrio possa buscar todo no meu ser, e aos poucos vão se encaixando devagarinho... e assim progressiva e naturalmente tudo se organiza com calma e paciência, como um pescador que aguarda em sua rede o que o mar possa lhe trazer naquele dia.

Essa lição, aprendi no percurso diário da vida, o meu próprio limite deve ser respeitado e nunca alterado. Agora sim, posso ir e ver o que me reserva.

Pronta estou? Só saberei quando lá chegar, e o que encontrarei no outro lado é muito cedo para dizer. As opiniões, não estão formadas e nem pré-moldadas, são antes de tudo construídas e alicerçadas de acordo com as

ações e as reações destas. Contudo, é preciso se preparar para que ao chegar possa compreender a dinâmica do movimento e deixar apenas que a onda me leve nesse oceano chamado aprendizagem.

Sempre foi assim, a cada nova turma, um novo ambiente se forma. Hoje não poderia ser diferente, não sabia de nada. Interrogações, povoam minha mente, e numa mistura de ansiedade e curiosidade, queria antecipar as respostas. Gostaria de possuir uma bola de cristal, queria saber, como são as pessoas que lá estão ao meu aguarde? São jovens? Mais velhos que os demais alunos que conheci? O que eles esperam e desejam? Ou apenas estão lá para cumprir por tabela um curso escolhido por opção ou por falta de oportunidade. Pena que bolas de cristais não estão à venda.

Perfeitamente eu sabia que não existem respostas, e mesmo que receba um catálogo com os todos dados ao abrir a página e obtenho nenhuma resposta precisa, aprendi que não funciona assim, cada pedaço desse jogo, será moldado apenas com a minha chegada.

A afirmação é a que sei que tudo comigo está hoje não foi feito em um curso na academia, havia e está sendo construído diariamente desde

o primeiro momento em que me reconheci como pessoa.

E quando se trata do novo espaço de aula em uma cidade do interior a única certeza que tinha, era a que o sol lá nasce mais cedo do que aqui, isso sim, já era diferente do que acostumava ver. Moro em um lugar que o barulho dos carros logo se apresenta, as portas abrem e o dia já amanhece como se não tivesse tido uma noite anterior. Essa é o meu local agitado, com pressa e inquieto. Estava agora eu indo para uma cidade, um tanto acanhada, o sol se escondia nas nuvens, e apenas em alguns pontos o seu brilho aparecia logo cedo, mesmo assim aquela luz do sol eu ainda não havia visto em lugar nenhum, o seu brilho era diferente, e o calor das manhãs, batiam forte no meu rosto que até sentia o frio do calor a queimar minha face.

No caminho até a cidade tudo se movia, os carros, os animais, até mesmo o sol percorria insistentemente nas nuvens escondidas, as pessoas transitavam de uma forma diferente de como era acostumada a olhar, ali passavam sem nem olhar para trás, ou muitos como parados guiados do nada, sem compreender o que estava fazendo naquele local, tudo é muito diferente. Perguntei para mim mesmo: será que encontrarei essas mesmas pessoas lá no meu

destino? Lá o nascer e pôr do sol se repetem como em um relógio britânico, no qual os ponteiros não se atrasam. Curiosa sempre perguntava: como pode essas pessoas sentirem-se regidas pelo sol? Nessa nova realidade, que de novo, nada havia, tudo chamava minha atenção, os passos mecânicos, automatizados e repetidos, falta de desejo, vontade? Essa palavra não existia. Não posso crer que a dinâmica da vida se tornou estática, mas esse era o fato inicial visto por mim.

Nas idas, percebi que os meus movimentos iam se acomodando, a cada quilometro da estrada que se seguia, já não pensava o que poderia encontrar, queria apenas chegar, tudo em mim era coordenado por movimentos da luz que vinha do lado externo do carro, não havia como se esconder, a luz do sol brilhava na minha face, querendo dizer algo, e eu nem tinha a noção do que poderia ser. A primavera, naquele lugar existia. Os verdes do campo alternavam suas cores de acordo com o caminhar apenas do sol, naquele dia belo, que mesmo na minha ansiedade, conseguia perceber um pouco do seu brilho, uma pena! Só hoje sei como era vivo seu brilho.

Caminho que se segue, lição aprendida, veja tudo com calma e parcimônia.



Na estrada, rumo ao novo.

Enfim cheguei ao destino para mim e por mim preparado.

Mais um aprendizado, é necessário compreendemos que nós somos também atores principais ou coadjuvantes do nosso próprio destino, nada acontece sem nossa autorização, que pode ser sim ou não, o que difere é o formato de como se alinhará a costura dos nossos passos, autorizamos o percurso a ser construído, e independente de nós, o vento envolverá as velas do nosso barco e esse está acima do nosso controle. As velas navais da proa ao convés, apenas facilitam o seu transcurso.

O percurso é maior que a chegada, levamos mais tempo ao imaginar o que nos espera do que realmente ali possa estar. O destino, mesmo não sendo programado, passa e dá avisos que algo há de acontecer.

A estrada é longa e mesmo apontando o fim, reservou o direito de se esconder e só na hora exata aparecer. Nessa estrada, com bussola na mão, conectado ao tempo e ao movimento, tudo se transforma, o segundo no caminho, o antes e o depois não é o mesmo, apenas, nós personagens é que somos os mesmos. Agora, a observar sigo em frente, e vejo o que ela, a estrada me reserva, no final do arco-íris.

Em verdade, em verdade, vos digo:  
se o grão de trigo que cai na terra não morre,  
fica só. Mas,  
se morre produz muito fruto [...]  
(Jo, 12, 24)

## TEMPO DE PREPARAÇÃO

Preparar a terra, observando a colheita

Uma vez vencida a barreira interna, agora fui em busca dos ganhos externos e no que havia de fazer naquele lugar. A batalha estava apenas começando e os meus sonhos se encaixariam com os demais? Para que tantas perguntas. Nada com certeza será respondido, o porquê de tanta angústia por repostas precisas estava em sempre querer saber o que havia no outro lado do arco íris. Esquecia que o encanto do arco íris, não é o seu final, e sim suas cores que preenchem o caminho.

Tempo de preparação, essa era a nova que brotava de minha boca insistindo em acreditar que aquela chuva acompanhada do espetáculo do arco íris trará oportunidades para os alunos que aqui estão. Acreditar é a palavra que sempre insistia em pronunciar. A cada

repetição, passávamos a acreditar no irreal e acreditar que unidos íamos conquistar nosso espaço.

Aos poucos percebi que já começava a fazer parte daquele local. Um doce engano foi acreditar que ao chegar naquele ambiente, esse não faria parte do meu ser e nada teria aquele lugar a ver comigo. Aprendi, em julgar e antecipar as narrativas da experiência da vida mais uma lição: a palavra saída dos lábios não retorna e a essa a responsabilidade imprime sua força. Sou realmente responsável, não apenas pelo que faço, como também por tudo que digo, e aqueles olhares ansiosos de mudança, os quais trouxe junto comigo a força do ser crível, não caberia mais recuar. Comandar o leme do barco é o devo fazer, à deriva não pode ficar. E assim o fiz. Uma vez concretizado no meu passado recente essa responsabilidade legitimada na profissão que escolhi, e por opção, não havia como negar o futuro que batia insistentemente no meu presente.

Os meus olhos já haviam se cruzado em experiências passadas, mas eu sabia que esse grupo na minha íris, havia um brilho que era diferente, tinha a certeza que algo estava a desejar, mas o que? O importante agora era ver com as lentes límpidas, livre de suposições, ou

conceitos pré-concebidos. É necessário aprender a desaprender e ver que no outro eu possa enxergar, não apenas o outro como ele é, e sim como ele poderá ser. Dúvidas, estranhezas e comportamento arredios eram comuns naquele grupo que comigo estaria no decorrer daquele ano, e a experiência mais uma vez me dizia: busque o novo, com base no conhecido. E o passado esse se confirma no presente, bem, pelo menos isso tinha plena confiança que eu estava acertando.

O presente urge e eu precisava plantar. O grão que outrora havia morrido para se tornar fruto, ansioso desejava pousar em uma terra fértil, e naquele local havia apenas encontrado pedras, um solo arenoso, infértil. Porém sabia que mesmo com as condições adversas, existia uma temperatura ideal, na qual qualquer agricultor ia adorar plantar. E foi nesse terreno que eu havia recebido as sementes das mãos deles, era cada um mais diferente que a outra, no começo, ainda com as mãos tremulas e assustadas não sabia como separar o joio do trigo. A confiança que fizera dessa professora-agricultora, necessitava de instrumentos mais leves que pudessem se adequar ao solo daquela terra.

A situação estava construída, com as sementes na mão e o solo nos pés, era hora de plantar, vamos lá, o campo nos aguarda. Como saber quais os frutos que seriam gerados, não tinham a certeza, coube a mim acomodar as sementes no melhor lugar possível. O resultado está no grão vivo, chamado confiança. Hoje semente se encontrava em mim e ninguém poderia modificar, apenas eu saberia como plantar o grão e colher frondosos e generosos frutos, desde que o adubo deles estivessem presentes também.

Fui então a plantação com as ferramentas de que disponha naquele momento. Percebi que algumas das ferramentas estavam enferrujadas, travadas e sem utilidade naquele tipo plantação. O que se tinha e se concretiza naquele momento era que não é preciso guardar ou desprezar as ferramentas em mãos, porque com certeza essas não terão a mesma serventia em outros lugares, se as tenho, então vamos utilizá-la, o presente é o momento exato de acontecer, nada acontece no futuro e o passado foi em tão pouco tempo que não pode ser mudado, portanto o meu momento é ímpar e singular, nada se repete.

Não tinha o passado e o futuro nas minhas mãos, se pudesse imaginar o momento

exato não viveríamos o que passou, que é o ontem, e o que existe é o hoje. O passado e o presente se misturam e condescem na construção do futuro. Um confirma para o outro a existência que algo virá e transformará o hoje dando lugar a uma passagem infinita que vai além do material.

Como foi difícil entender de que nada adianta questionar o segundo passado ou querer mudar o futuro, que esse nunca vai existir, o que existe é o presente no momento atual. Essa lição aprendida lhe trago hoje, não há ciência capaz de explicar o que acontece com a semente ao ser colocada na terra, o experimento do acontecimento possui a legitimidade em que só quem vive sabe o passado e o presente unidos em um único momento. A história não, o caminho sim. Não importa donde você veio, o que importa é para aonde você deseja chegar. O caminho, eu dito.

Semente, nas mãos transcritas em uma lista fria catalogadas em nomes por ordem alfabética, era o que se tinha no presente momento. Não me dizia nada aquele documento institucional e nem respondia as minhas indagações. Um coração inquieto buscava soluções de problemas que ainda não existiam. Ansiosa estava em saber o que lá estava a

esperar. Ao encontro do que estava agendado para aquele dia, oito horas aula e duas turmas de um curso técnico, cumpri a primeira etapa, o horário, a responsabilidade na pontualidade, essa é uma qualidade que tive de aprender a respeitar.

A ansiedade começava a tomar conta do meu corpo, e dizia para mim mesma:

— Calma, você já sabe o que vai falar.

Sem dúvida isso era a verdade certa, mas não é isso que me deixava inquieta, o que eu queria era saber que estava presente com minha presença ao chegar naquele lugar definido. Após anos de contato com sala de aula e alunos, diretores e tantos outros personagens, sempre tudo é novo, em uma nova turma. Vamos começar, a hora chegou, o tempo urge, vida que se segue.

Os olhares questionadores, cobravam respostas de mudança. A aceitação de modo de vida me angustiava. Chegava o início de descobrir o véu que escondia o brilho dos olhos nos alunos ali presente naquele instante. Nada fácil, pois como poderia eu, somente eu, sem nada saber retirar o que não incomodava a nenhum dos alunos. O destino para todos existia, e já havia definida as regras, esse é o seu



lugar e permaneça onde você deve e sempre ficará.

Pronto, vamos modificar ou não?

A certeza essa se assim poderia definir é, o caminho está aqui e no agora, o amanhã encoberto, tão quanto a noite no amanhecer em névoa. A lição aprendida é que mesmo na escuridão, seguir sempre, e adiante não olhar para trás, para que não permaneça na escuridão do presente, e com ela não tropeçamos em nós mesmos, que essa por sua vez é maior das quedas.

O aprendizado nasce unido a sabedoria com o olhar de fora para nosso interior, escutando a parte mais particular do nosso eu.

APRENDIZADO

## OS PERSONAGENS CHAMADOS VIDA

Nas idas e vindas, não me recordo quantos já passaram na minha estrada, apenas sei que passaram, e quais os significados trouxeram para o meu aprendizado este os guardo com carinho. A escola mais perto, o mais longe é o local em que posso chamar de casa.

Cada nome uma história, e visto por ângulos diferentes, elas se repetiam. Eram jovens que havia, a um curto espaço de tempo, saídos dos bancos escolares, todos já tinham passados anos em escolas próximas à aquela que hoje estavam. Entre as histórias narradas, uma a princípio ficou gravada em nós. Na ordem injusta de uma lista de frequência em que eles são avaliados por pontuação, presente ou ausente, havia um aluno que presente fazia questão de ser ausente naquele espaço. Não se deixava notar, nem queria ser visto, lembro com clareza, que sempre chegava muito cedo, antes

mesmo do prédio abrir lá estava ele na entrada do colégio aguardando seu acesso.

Esse aluno, chamado aqui por mim de Tempo, permanecia em sua cadeira escolar bem acomodado como uma árvore em seu local, raramente ou quase nunca se mexia, atento parecia estar na aula a observar tudo. Comentários, dúvidas ou entendimento, eu não sabia, a sua voz para mim não vibrava na sala, tentará lhe ouvir nos corredores, ou em qualquer que fosse o espaço daquele prédio, mas não o via e nem ouvia. Como um mágico que se esconde no espetáculo, assim o era.

Durante as minhas aulas, no canto da sala ele permanecia quieto, pouco falava com os colegas, e me peguei em alguns momentos, sem o cuidado necessário registrando a sua ausência, aprendi que nessa hora tinha que olhar para o fundo no canto esquerdo da sala e perceber que ele estava ali presente. Raros foram os momentos de sua ausência no ambiente, quase nunca faltava e isso impressionava mais ainda. O Tempo, para mim foi um exercício de aprendizado. Com esse aluno aprendi a aprender a ouvir com os olhos, saber que a boca não fala porque tem razões específicas para isso.

Busquei saber o porquê dessa ausência, indaguei colegas e unanime comentavam que

isso era normal. Resposta são necessárias, onde poderia eu buscar a mais? Na minha lista de frequência não existia motivo declarado para que o Tempo permanecesse em silêncio, o mais interessante nesse caso, era um comportamento habitual dos demais colegas aceitando como normal essa ausência em uma presença. Sabia que isso não podia continuar, mas o que fazer? O Tempo necessita se apresentar.

Para fazer algo era preciso primeiro receber a compreensão necessária do fato como um todo. A partir de então, vi que a comunicação para a existir é uma de via dupla, ida e vinda, e a minha angústia estava ali, porque apenas estava aos meus olhos a ida, não havia o feed, ou a retroalimentação, portanto a comunicação não estava estabelecida. Eu sentia que não estava me comunicando adequadamente com o ele. Para mim a docência é acima de qualquer fato comunicar ao outro o que você precisa e que o outro compreenda. Então fui buscar onde poderia encontrar a melhor comunicação com ele.

Há uma compreensão importante sobre o ato comunicacional, as palavras não são por total a forma mais direta para que possamos nos comunicar, é necessário observamos como o outro se comunica e intercala suas opiniões. Não

existem pessoas que não se comunicam, o que há são formas diferentes para isso. Nesse tabuleiro comunicacional, apostamos no jogo, a fala como principal elemento, e por consequente somos sugados e quando nos damos conta, não sabemos o que o outro pensa, articula e principalmente como joga.

Nossa dificuldade em se comunicar está exatamente aí, nascemos para aprender a ouvir, em muitos casos não deixamos os demais sentidos responderem com a eloquência precisa, os demais sentidos humanos são recobertos de sensores com potencial, até maiores que a da própria fala. Aprender a sentir é o primeiro passo, gesticular, caminhar, sentar, se posicionar, modo de falar: pouco ou muito, nos diz tanto quanto apenas falar demais. Em segundo ouvir, esse por sinal é o mais difícil para todos. Como poderemos saber o que realmente acontece se não deixamos o outro se expor. Os sentidos estão prontos, nós na angústia diária não deixamos que esse se comunique conosco. A sociedade do mediatismo interfere bruscamente também nos resultados dos nossos alunos.

Estava sentindo na prática isso tudo, no momento em que o Tempo não se comunicará comigo, percebi que eu também nada tinha nada

a lhe informar, e portanto, como seria portanto, o caminhar ensino-aprendizagem, se mão era de via estava sendo única? O processo de investigação estava aberto.

Inicie buscando como era o comportamento habitual extramuros escolares, e no atual contexto, a melhor fonte de informações são os colegas-amigos que mais próximos estavam. Muitas foram as respostas obtidas, e daí por diante poderia construir as novas formas de comunicação. O Tempo, se comunicava bem nas redes sociais, são muitos os que o cerca, escondido em falas anônimas ele se manifestava constantemente, esse foi o ponto de partida que eu precisava para ficar mais perto dele. Não quis incomodar, passei a acompanhá-lo como expectador que em espetáculo apenas assistir sem interferir as cenas que virão à seguir. Deixando o Tempo à vontade, passei a conhecer uma pessoa que não obstante falava pouca e se manifestava bastante. Não cabia a mim verificar quais os pontos ideológicos, para mim o importante era saber era obter as respostas do silêncio escondido em sala de aula.

O tempo passou e descobrir que aquele aluno, não queria se expor, porque a sala de aula, tanto para ale como nós docentes é descrita como ambiente da oralidade e a expressão maior

do entendimento é a fala. Infelizmente esse conceito nos carrega até hoje. Ao comparar a participação do Tempo, no seu ambiente social, percebia o quanto torna-se importante a comunicação para todos, independente do seu local, o que vale é a manifestação, e qualquer que seja a possibilidade está deve ser colocada como válida.

Ao sair do espetáculo, falo aqui das redes sociais online, percebi que a interação entre os personagens só se estabelece quando os interlocutores aprenderem a manter entre si os pontos válidos do discurso. Não é possível atribuir, ou mesmo legitimar a ação comunicacional se uma das partes envolvidas não se sente envolvida. Torna-se claro para mim enquanto docente, quando imagino ser a pessoa que deva repassar o conhecimento, dito pela academia que seria o responsável por essa ou aquela área do saber, é nesse momento do percurso que esqueço o quanto é importante é o turno conversacional.

Na realidade é ao abordar as redes sociais como participante ativo do processo demonstro a necessidade da construção mais qualitativa e menos quantitativa, e só com esse olhar da observação mais sistemática dos fatos que ocorrem, que passei a verificar quais os



padrões que poderia trabalhar e quais eram as conexões sobre os mesmos. Explorando o espaço cibernético pude compreender o que o Tempo queria me dizer e eu não o deixava falar. O encontro do debate nasceu aqui, distante da sala de aula e mais próximo do meu aluno. A discussão da rede social na internet nos aproximou ao debate, gerou novas ideias e passei a entender o porquê de suas atitudes, O silêncio do Tempo, me ajudou a entender que cada aluno tem o seu próprio tempo.

A percepção do grupo social e das comunidades as quais meus alunos estão inseridos, auxiliou bastante no entendimento de qual o caminho deveria seguir daqui por diante. E assim transitei com mais facilidade no percurso. Com mais habilidade, agora aceita pelo próprio ator da rede, passei a utilizar dessas ferramentas a trazendo para o contexto da sala de aula, a transformando-a em um ambiente físico menor que os das redes, mas grandioso nos resultados que colhemos.

E no teatro chamado vida fui assistindo ao enredo, sentindo-se mais à vontade para participar descobrir qual era o fator que impedia, parcialmente, do Tempo interagir mais com grupo físico da sala de aula.

As aulas no laboratório nos levavam a atores no mesmo nível. É bem verdade que isso não foi fácil. Outrora já havia contado que todo o meu plano de aula já estava pronto a um bom tempo, e não era interessante para mim alterar o roteiro com o caminhar já iniciado, mas era preciso fazer.

Nossos encontros, pelo menos uma vez na semana era feito no laboratório de informática, lá moldamos e construímos os conceitos que a disciplina adotara. O Tempo saiu de expectador para sujeito atuante do processo. Todo o semestre desse ano transcorreu conforme o programado e obtivemos eu e a turma os melhores resultados desse ano, o porquê desse processo obter o êxito nesse semestre foi devido a interação social, os lugares de fala possuem seus próprios espaços, a conexão no tempo certo e principalmente a expressão construídas coletivamente pelos atores de forma que expressaram os elementos de sua individualidade, os quais não eram obrigados a reproduzir conforme já eram acostumados outrora em outros habitat. Há esse resultado positivo agradeço ao Tempo por ter me ensinado a compreender que o tempo tem seu

propósito de ação e precisamos ter a medida certa, no momento adequado para agir.

## A HORA E A VEZ DAS PIMENTAS

Colher frutos.  
Como é difícil esperar o tempo de colheita, nem  
mais e nem menos,  
apenas o tempo certo.

Aula de campo.

Hoje é um dia especial, estava ansiosa para conhecer a comunidade em que vivia de uma das nossas alunas. Era um pouco longe da nossa escola, cerca de 40 minutos de caminhada e para chegar lá precisávamos subir um morro, que não era tão alto, mas a sensação de olhar para cima e ver quanto falta era pior do que a subida. Nunca fui pessoa longas caminhadas, atividades físicas, essa mais ainda.

A nossa visita fazia parte programada da disciplina administração rural e o objetivo era participar junto à comunidade quais seriam os fatores que interferem direta e indiretamente no

desenvolvimento da produção rural naquele lugar. Definido o que ia se fazer lá no assentamento, fomos em busca das respostas. Embora soubesse que as dificuldades de controle e acompanhamento seriam maiores, uma turma grande, é muito bom para se trabalhar e obter uma gama maior de resultados. Os grupos definidos anteriormente em sala de aula, estavam com tudo anotado e ansiosos para iniciar o que denominamos pesquisa de campo.

No assentamento percebi o significado na prática do que veria a ser comunidade. Era uma unidade denominada de área de produção agrícola, um espaço destinado ao reordenamento do uso da terra, e por vez fazia parte da construção de novos padrões sociais o local. Ainda recente a comunidade, tinha um pouco mais de vinte anos, apresentava todos os problemas sociais, econômicas que se pudesse imaginar, daí a importância da nossa participação naquele lugar. Os projetos de colonização apresentados eram muitos distantes da realidade social daquele povo. Não havia uma consonância do que existia no papel com a prática real.

O assentamento rural criou a comunidade que ali estava, e daquele lugar retiravam todo o seu sustento, a terra de barro

batido não produzia quase nada, víamos o agricultor com olhar longe a observar o verde da cana-de-açúcar produzida pelo donos de terra próximos do assentamento, estavam em imagens do passado na memória dos moradores. Havia muitas crianças que olhavam para mim e não entendia, o que eu estava fazendo ali, confesso que nem eu também sabia. No caminhar forte eu ia em busca de respostas, como pode essas pessoas esperar o nada de lugar nenhum? Esqueci que o aprendizado ganha mais força ao ensinamento quando observamos mais. É imprescindível aprender que a melhor forma de vencer as barreiras internas é ver e sentir as suas dificuldades, havíamos de enfrentar um novo ambiente, para muitos dos nossos alunos diferentes do que estavam acostumados a presenciar, para outros nada de novo, o que queria agora junto com eles era vermos o mesmo local, com olhar diferente. Eis o desafio, como ver o mesmo de modo que não havia ainda ser visto antes?

Cada novo encontro, nada é igual, a história não se repete, pode até ser contada da mesma forma, os atores podem ser os mesmos, mas o sol com certeza estará em outra posição e o seu calor indicará um novo formato ao que virá a acontecer.

Na conjuntura social de lutas observamos na comunidade uma característica particular daquele local. Era uma área grande, as pessoas em sua maioria se conheciam pelo nome, e umas com as outras se relacionavam como uma grande família, tinha muito o que ser feito, a cultura era muito forte entre os moradores, se faziam expostos, dividiam o que possuíam, a terra plantada era coletiva, embora pareça bom essa característica, para nós dificultava um pouco mais no contato com a comunidade.

Chegando fomos levados a conhecer o presidente da associação, e com um certo receio sobre o que realmente estávamos fazendo ali, até porque em nossa região é comum, até constante, pesquisar, absorver os conhecimentos de uma localidade e não deixar nada quase nada de resultados para os participantes, portanto o receio dele era mais do que real. Educadamente, o presidente da associação nos recebeu em sua sede. Era um lugar simples, uma grande casa, onde as pessoas se reuniam à conversar e ver o tempo passar. Naquele entra e sai, ele fez questão de apresentar o lugar, mostrou como fundou, as dificuldades que estavam passando e aos poucos o gelo do primeiro encontro com o

grupo foi quebrado. Erámos vitrine exposta, e como tal não podíamos fugir disso.

Caminhamos por longas duas horas, subimos um morro íngreme, tive a sensação de que não chegaríamos a lugar nenhum, mas conseguimos apontar o local, visitamos as plantações, açudes e os pequenos empreendimentos do local, como uma padaria e o bar, esse por sua vez considerado ponto de referência aos moradores. Estávamos exaustos com o percurso, cada casa que chegávamos, para mim era tudo novo e para eles também, porque agora estávamos observando com olhar técnico imerso no próprio ambiente.

Essa manhã parecia que o sol estava mais próximo de nossas cabeças, tínhamos que nos mexer e sair do local, isso era quase que uma obrigação, caso contrário o calor nos matava de exaustão. Nosso grupo tinha mais de quarenta pessoas, controlar a ânsia de saber o que fazer em um lugar que para todos se tinha a impressão que havia sido esquecido por Deus, para nós era mais que obrigação de apresentar o motivo de estarmos naquele local.

A névoa que encobria os olhos estava aos poucos sendo retiradas, para uns aquela luz que passa a ser vista queima tanto quanto o sol forte da região, para outros, mesmo sem ter o



arqueiro que se escondia nos próprios olhos, por tanto tempo presente não fazia mais diferença está ali ou não.

Voltamos para sala de aula, calados e quietos, tantos dados colhidos, que ainda não eram informações, o que fazer? Juntei-me ao grupo e disse: não existe resposta pronta, não há como encontrar soluções sem vivenciar a situação real. Começamos hoje a compreender de uma outra forma o já existente, calma e confiança, agora é a hora de buscarmos na teoria da nossa sala de aula, a orientação adequada para podermos ajudar a comunidade nas suas principais necessidades.

Cada um buscou o que fazer, e eu como eles retornei para minha casa, assustada, inquieta, mas feliz por ter cumprido o desafio de se desafiar em meios a tantos objetos prontos, a visita técnica para um docente é como um oásis em um deserto, lá que nós professores e alunos descobrimos qual é o verdadeiro sabor da aprendizagem, e como o oásis que não é fácil de ser encontrado ou avistado assim a prática também o é para todos os envolvidos. A questão é saber, dessa fonte todos estão aptos à beber dela? Não há como saber antes de chegar até lá.

## EM BUSCA DO OÁSIS

Na manhã seguinte os reencontrei, e chegada a hora de colocarmos em prática todas as observações acerca do que foi visto e apreendido no dia anterior, novamente comigo pensei, e agora? Eles, os alunos traziam consigo anotações e receitas prontas. Como é interessante e sem perceber nós docentes engessemos o processo do ensino e muito mais ainda aprendizagem. Há um ritual a ser seguido que faz com que mecanicamente nós e eles a cumpram sem nem questionar o porquê desse ou aquele enredo. Então vamos lá.

Comecei narrando que a experiência do dia anterior foi muito importante e que íamos falar sobre ela daqui a pouco, mas antes gostaria que eles ouvissem um pequeno e simplório poema que havia construído no percurso de retorno para casa, e como faziam parte dessa história para mim é importante que todos

escutassem. O poema a priori foi chamado por mi de Terra, veja só:

Da semente que brota na terra,  
nascem os frutos; não-frutos.  
Sabereis quais os frutos que queres?

Só conhecereis ao provar os seus  
sabores.  
Doces como manjar, ou amargos  
como fel

Vós escolhereis o seu sabor,  
E sua língua lhe enganará.  
Sentindo a sua veracidade o  
encontrará.

Atônitos ficaram, e como se houvessem ingerido uma bebida tão forte que os haviam retirados daquele local para um distante assim permaneceram. Havia um silêncio espetacular naquele ambiente, era um silêncio inquieto, os olhares percorriam todos os cantos daquela sala, não havia respostas pontas, o que existia era um poema lido que ao mesmo tempo que os retirava do ambiente e traziam uma nova proposta de pensar. Deixou-os livres, e por cerca de cinco minutos começava o burburinho, vários falavam ao mesmo tempo, e nada diziam sobre a visita

no campo do dia anterior. Ótimo havia atingido o meu objetivo.

Lembram que falamos da comunicação, retorno agora para reforçar que para o trajeto comunicacional se efetivar precisávamos fazer um mapa de articulação das ideias com as propostas, essa sim reais ao contexto visto no dia anterior. E no formato que se havia começado não íamos conseguir avançar muito, o intercâmbio comunicacional se faz presente, novas roupagens entram em cena para que pudéssemos nos apropriar dos que realmente desejamos alcançar. Ao poema começamos a leitura, e como no diapasão as discussões seguiram mais um tempinho.

Em um mapa mental passou a ser construído no quadro branco, no início palavras soltas: terra, quintal, plantas, água, pão, comida, território, amizade, propriedade e território. Saímos do mundo das ideias, e agora começamos a prática da resolução dos problemas ou do questionamento mais próximo. Foi dado a largada para juntos construirmos as respostas.

E a nossa investigação começou assim:

Observar,  
Sentir e;  
Descobrir.

Esses foram os três passos percorridos para ver qual seria o caminho certo ou aproximado para nosso aprendizado. O observar era a agora examinar os fatos que queríamos estudar; sentir era o que nos remetia a preocupação e descobrir era a chave para completar o processo da aprendizagem. De todo, houve um consenso e comecei a indagar, qual seria o primeiro passo a ser feito? Tinha algo que chamou atenção de todos, no caminhar do dia anterior. Recordei com eles da casa das pimentas.

A casa das pimentas assim denominada, era uma morada que ficava quase no final do território, era bem simples, porém de todas vista era a maia ampla e tinha como conforto um vento agradável que bastava apenas uma rede para que eu pudesse naquele local me sentir uma rainha em pleno território. A casa de alpendre aberto e com uma vista espetacular para o horizonte pertencia a uma senhora viúva, que vivia com os netos, os filhos já não mais a faziam companhia e da terra ela nos apresentou que dali sempre retirou o seu sustento e toda sua vida construída em pequenos espaços, com aquele ela se sentia as raízes presas aos seus pés e a confiança que o seu destino tanto necessitava ter, não gostava de sair pelo mundo, tinha a

certeza que o mundo a ela pertencia naquele espaço de terra e mais nada lhe era importante. Essa senhora encantadora, do sol sabia todas as horas, da cura, os moradores iam ao seu encontro em busca dos remédios para as dores do corpo, e da alma ela sempre tinha uma conversa com todos. E com uma alegria nos recebeu, e nos ofereceu o que mais importava naquele instante, um copo com água.

Sentamo-nos por um instante no alpendre da casa, e observamos que ao longe, na parte mais baixa do território muitas cores encantavam aos nossos olhos. Em seguida descemos e fomos até lá, para ver de perto, era uma plantação de pimentas que naquele dia parecia que nos esperava, em gotas e cores brilhavam, esperando ser colhidas.

Nesse instante a nosso trabalho aqui encontrou razão de existir. As pimentas necessitavam ser colhidas, nossa missão foi encontrar a forma mais adequada de consumo, embalagem, venda e acima de tudo compreender em qual realidade estamos tratando. Observamos, sentimos e descobrimos em grupo o caminho para auxiliar aquela senhora que muitos nos ofereceu, em apenas um copo d'água. A pesquisa nasce assim da sensibilidade do olhar, o aguçar da indagação e a

inquietação do coração. Começamos nesse dia uma trajetória de resultados satisfatórios para todos.

## O QUE FOI ESPECIAL

E agora, o que dizer?

Entrei na sala de aula, e nesse encontro aparentemente nada de novo; ou não? Engano visual.

Comecei a indagar o que havia acontecido? O silêncio havia chegado e hoje eles estavam apáticos, e a única vontade era voltar para casa. Não posso continuar. Parei.

A hora é ouvir mais e falar menos, foi nesse momento que devemos aprender a aguçar os sentidos, e fazer com que a sabedoria venha ao encontro da sensibilidade do outro, só assim podemos compreender o que realmente passa na cabeça daquele que está sentado na cadeira em frente a sua. O sentimento cerca e nos traz as respostas que a fala não consegue responder.

Cada segundo de silêncio para quem apenas está para ouvi-los parece um universo, de novo imagino que não compreendo o que eles



desejam e eles por sua vez não sentem que aqui é o lugar, estão ali para cumprir o rito das aulas que a nada irão interferir no seu presente.

A sensação do vazio toma conta. E naquele silêncio ouve uma voz. Para mim foi um salto, alguém naquele local, tinha voz questionadora, voltei a sentir-me orgulhosa, em apenas ouvi.

Era apenas um aluno, sem representação naquele contexto, sempre sentado na primeira fila do lado esquerdo da sala, pouco se o via, ou ouvia, e como era de costume, ele chegava antes dos demais colegas, ia para o seu lugar, buscar seu refúgio, não queria ser identificado, para ele e para os outros o anonimato era seu nome, sabíamos da sua presença, mas só a confirmamos na hora em que chamávamos o seu nome, o “presente” indicava que ali estava uma pessoa, que fazia parte da lista de frequência daquela data, e para mim apenas isso bastava e para ele essa ação era rotina na sua vida.

Embora não percebesse, havia algo em particular que o fazia vencer as barreiras físicas de estar ali. Com os movimentos frágeis, o corpo tentava acompanhar e superar as dificuldades até então aceita por ele. O medo de expor os sentimentos, receio do fracasso, era a sua

constante. E nesse instante, para estranho que se possa considerar foi ele que levantou o braço e disse:

-Tô aqui porque minha mãe disse que era bom, não tô vendo nada de bom.

E agora o que responder? Aquela pergunta simplesmente vinha de uma pessoa que mal sabíamos o seu nome, muito menos suas atitudes e comportamentos no coletivo do ambiente escolar. Apenas olhei para todos e comecei a pensar, o que realmente é bom, há esse conceito de bom e mau? A escola não é um ambiente de aprendizado coletivo e contínuo? Por que então estamos aqui discutindo se esse ou aquele ambiente deve ser bom? Em segundos essas indagações percorreram minha cabeça. Internamente sabíamos os passos a serem feitos, percorri os quatro cantos da sala e finalmente encontrei a resposta na parte externa.

A janela lateral da sala, dava para o jardim externo e lá havia uma árvore frondosa, que não dava frutos, mas no calor daquela região a sua sombra era o melhor refúgio na escola. E foi para mim aquela janela a porta que eu necessitava para a resposta. E nesse momento, ele ali parado aguardava a minha fala, e como porta-voz da turma, sabia tanto quanto eu que não ia haver a resposta certa, já que ao futuro

depois dali ninguém mesmo poderia saber como seria.

Parei e olhei para a árvore que estava a poucos metros na nossa frente, e todos estranharam aquele comportamento inusitado, nada técnico, apenas um olhar e daí por diante, a fala expôs o sentimento que compartilhei com eles. E assim comecei:

Sai por um instante, e comentei, alguém sabe me dizer, qual o tipo de árvore está plantada aí na frente, porque os meus conhecimentos nessa área são os mínimos possíveis. Cada um apresentava uma resposta, surgiram vários nomes e tipos, continuei a indagar, quem sabe a idade dessa árvore? Outros responderam que não sabiam, apenas quando chegaram aqui na escola, ela já existia e por fim, questionei: o que vocês acham de nós mandamos arrancar e nesse local colocarmos um banco de espera? A resposta foi unânime, não podemos tirar ela daí, sua sombra nos dias quentes é o nosso lugar.

Bastava essa resposta para que eu pudesse a partir daquele momento lançar mão do primeiro questionamento da manhã. Ninguém perguntou a árvore se aquele local era bom ou ruim, apenas chegaram com as sementes e a plantaram, o lugar era bom, não

sei? O lugar foi ruim? Com certeza não, mas não se tinha a certeza, apenas foi se construindo e assumindo formas conforme havia a possibilidade, o seu espaço era pequeno, mas ela cresceu, as suas raízes necessitavam de mais nutrientes e ela cresceu, e oxigênio presente lhe é suficiente, o ambiente colaborou, alguém veio regou, o sol aqueceu suas folhas, os pássaros fazem os seus ninhos nos galhos frondosos e abrigam-se das chuvas e do sol. E ela segue seu fluxo natural, o tempo anda, os anos seguem sua rota, e nós todos os dias passamos por ela e não nos damos conta de sua beleza. Apenas hoje, aqui com vocês que parei para ver a sua utilidade.

Os momentos são construídos não pelo que esperamos, são construídos a partir do momento em que chegamos lá, a ia sim, tudo se inicia. Como a árvore frondosa, também somos, e muitas vezes não escolhemos o local para pousar, chegando lá é que se inicia a história. Alguém chega com as sementes do bem, coloca na terra e aguarda a natureza cumprir a sua parte. Somos assim como ligações afetivas de estarmos nesse ou aquele lugar, o momento é sempre edificado no presente.

SABEDORIA

[...] é na fraqueza que a força se manifesta  
(2Cor 12.7-10)

## RETORNAR, PARA COMEÇAR DE NOVO

Manhã de novembro.

Deveria chegar pontualmente ao meu local de trabalho, mas não consegui levantar na hora de costume, o que será? Já sentia que a distância não era tão longa como sempre pensava? Acredito que não.

Hoje é um dia especial, estava indo encerrar mais um semestre, e esse por sua vez era diferente, não ia mais encontrar meus alunos naquela sala, eles estavam como eu concluindo também mais uma etapa em suas vidas. O dia amanheceu mais vibrante, não mais achava a distância um empecilho, ao contrário, apreciava a ida com encantamento que outrora não havia sentido. Dialoguei com meus pensamentos:

-Espero que estejam todos lá! É muito bom ver a sala cheia, isso faz com que qualquer professor se sinta mais feliz na arte do seu ofício.

Esse encontro é muito especial, espero que o velho nó na garganta não apareça, afinal de contas, estou apenas encerrando uma disciplina em um curso. Mais uma aula finalizada e um semestre concluso. Não podia enganar, esse não era o mesmo, tinha um sabor especial, a partir da semana seguinte estarei mais próxima de casa, e a distância não será mais um fardo a carregar, que alívio poder saber disso.

Conclui, completei, finalizei. E agora é retornar para começar uma nova missão em um novo lugar. Como era fácil se fosse apenas assim, ali estão as lembranças e os pequenos pedaços que ficam como o relicário no coração dos que durante esse período ficaram comigo, não é apenas um até logo que fará apagar todo o ensinamento obtido e apreendido unido com as turmas.

Como de costume, cheguei e direto a sala dos professores fui a organizar o meu material, abri o armário e percebi que não estava mais lá o apagador e o lápis para quadro branco, sempre escondia um, pois sabia que se não fizesse isso não teria outro para repor.

-Essa mania de professor de achar que deve guardar tudo sempre esteve comigo. Uma pena!!



No corredor os olhares indicavam algo, só não sabia o que poderia ser, alunos, por mais experiência que possuímos, sempre de um modo ou de outro, com suas astúcias somos enganados a acreditar.

Precisava correr para sala de aula, estavam todos nos corredores e apresentação do trabalho final estava deixando-os muito eufóricos e inquietos, isso era ruim, afinal de contas, essa não era a única turma daquele prédio presente na manhã do sábado de novembro, outros alunos curiosos ao redor queriam saber que movimentação era essa que estava colocando os colegas em polvorosa.

Fui para o final da sala e como espectadora passei a ouvir e anotar o que se passava, naquele instante, deixei as cortinas se abrirem por conta própria, eu não fazia parte do espetáculo, era uma coadjuvante na plateia, assistia à encenação dos reais atores em que ajudei a construir em um belo espetáculo.

Era preciso ainda ver se tudo estava em ordem, não podia começar assim sem nada, tudo deve estar de acordo com o previsto, afinal essa era a última apresentação dessa turma, daqui por diante, cada um teria que caminhar sozinho, o conhecimento é pessoal e intrasferível, e a conquista é individual, não poderia eu fazer mais

nada além do que havíamos combinado em sala nos nossos contatos diários.

Começou a apresentação, a minha mente distante estava, via apenas o pensamento no primeiro dia em que encontrei com eles e vi o quanto é difícil sobreviver naquele lugar. Pensava comigo e voz baixa para o meu íntimo dizia:

— Coragem professora! Você está apenas começando.

O medo me fazia perguntar:

— Qual a oportunidade havia? E agora como fazer: transformar o que ainda não existe, romper barreiras internas, porque as externas já vencemos.

Seguir em frente foi o lema, não adiantava pensar muito, tinha que agir, não era minha responsabilidade, como viviam, o que faziam, o mundo de cada um, apenas a eles pertenciam. Aos poucos fui percebendo que não era bem assim, o mundo a nós pertencia, e o que eles faziam também nos interessava e aos poucos assumimos o compromisso de unidos mudarmos um pouco a história que os cercavam, se não de todos, mas daqueles que juntos se aventuraram no barco chamado conhecimento. O importante era um bom leme,

velas fortes e uma âncora para sustentar bem o peso desse desafio.

Conclui para eles nessa manhã que ao ver a árvore, lembrei-os que a natureza tudo produz para nós, e com ela construímos o bem ou o mal, ao arranca-lhe o galho poderá nós o usamos para colher frutos da própria planta, ou com sua ponta criarmos a lança para ferir o seu semelhante, a origem é a mesma o seu uso que difere positiva ou negativamente de acordo com sua ação. A escolher está aqui, muito há de ser feito, e por consequência quem vai definir o caminho será você, e como um pedaço de galho que pode ser usado para o bem ou para o mal, assim também pode o conhecimento ser usado. A trilha está aí, o trilho quem fará serão vocês com os passos que aqui absorveram.

## ADORMECIDO NA NOITE

O tempo coloca-nos a pensar, como devemos representá-lo? Olho para o ontem, e posso imaginar o resultado das minhas decisões? Ou terço o hoje em um formato que o amanhã se encaixe nas cores por mim definidas? Parece fácil, mas não é visto que nem sempre os tons são expostos de acordo com o que imagino. Comprovo assim ao ver o sol lançasse nas paletas exposta luz, o que imaginava, outrora, não possui a mesma nuance de antes.

Ao sol, caminhar ao seu lado onde as mesclas das cores vão se adequando e a cada novo instante adquire a tonalidade adequada ao momento proposto, fluir com a luz é a única possibilidade de mudança. E o que falar da noite, por sua vez, permanece sombria, inócua e em movimento leve como pluma, desliza ao vento, e ao mesmo tempo sólida como a rocha, íngreme não se altera no decorrer do seu próprio tempo.

Assim a noite chega, sem avisar, e o presente deixa seu rastro no decorrer do espaço temporal apontando para o futuro que não existe o que deverá ser feito. Vamos lá, em busca do sol em encontro com o desconhecido, que embora saiba que está por vim, nada mostrará ou apontará, apenas no momento certo demonstrará o seu propósito.

## COMO SE CONSTRÓI A HISTÓRIA

Sinto-me à vontade de caminhar, buscar novos horizontes e trazer a esperança, que embora adormecida, sempre presente está com a gente. Ela não pode deixar de existir, ao longe move e remove as mais difíceis pedras do caminho e perto transforma os nossos em realidade. Por isso sempre deixo a minha viva e bem nutrida. Como faço isso? Carrego bons sentimentos, não deixo as névoas do tempo corroer, a acidez da vida consumir e muito menos inspiro e transpiro um oxigênio denso de rancor, espalho no ar emoções que se transformam em perfume suave, que no mais breve contato exala e se multiplica em todos os espaços.

Imagine, se não fosse essa esperança em luz e cor, como seria então o dia dos meus alunos ?

Hoje posso convidá-los a pensar, a sonhar, a desejar e principalmente saber que existe o hoje. O brilho no olhar é isso, creditar em você e não deixar que o outro assuma a sua trajetória. Assim se nasce a história. Não há mistério e nem fórmula mágica, o importante é saber a hora de entrar e construir, e a hora de sair, deixando edificado o seu próprio eu. Nesse caminho o aprendizado assume toda a importância, somos aquilo que queremos e nada mais.

Não sei ao certo quando esse livro nasceu, apenas há a vontade de fazer presente e de chegar às mãos do que ao lerem em algum momento se identificar com a história em sua própria narrativa. O passado aqui narrado se faz presente todos os dias de minha vida.

Há uma ligação afetiva com tudo que possa ser produzido, precisava está naquele lugar para o momento vivido ocorrer e como em uma trajetória busquemos sempre, mesmo sem perceber, o que possa nos dá a garantia e a sombra de uma árvore para que possa nos fixar e seguirmos na trajetória chamada vida.

Recordo o quanto buscamos em acertos e erros o oásis que nos desse essa provável tranquilidade de bem estar, ao saímos do nômade para civilização, não foi só a fixação no

território que nos que fez , recordo que nossos parentes do passado deixavam no caminho os seus companheiros que não pudessem mais transitar com eles, a civilização nos trouxe o despertar da alma, da solidariedade e ao nos fixar no território despertou a ação coletiva, e a palavra passou a nos encurralar e construir o presente é mais que uma obrigação.

Concluindo esse livro, comecei a recordar o meu futuro, bateu uma saudade!!

Como pode ser tão distante, e a sensação de nostalgia presente, e lá dentro busco-o e imagino como passou rápido e hoje já estou no meu futuro.

O meu futuro hoje está aqui comigo, não poderia imaginar que este fosse um passado, que sem data e com muitas histórias admitia a sua construção. A história em versos e prosas não poderia ser de outra forma. A autoria do processo é minha, e, portanto, o resultado também não deveria ser diferente. Uma felicidade ter visto como ele é, e esse foi o bom da história aqui narrada, e como presente me deixei levar a pensar e agir de forma a me envolver e nem vi que o tempo por lá passou em uma velocidade tão rápida, como o vento que sopra em busca do mar para ali se esconder e ver até onde a onda se misturar no próprio oceano.



A vocês meus alunos dedico um pouco da nossa história.

E o fim, o que é o fim? Se não, um perfeito começo.



Foto: em um dia de primavera de 2017.



Aos que tentaram podar os galhos da árvore;  
Aos espinhos das rosas;  
As pedras no caminho;  
A penumbra na noite;  
Ao calor excessivo; na ausência do frio;  
A noite interminável;  
Ao cansaço sublime;

E, aos que em momento insano de lucidez, criticaram  
o meu trabalho.

Aprendi com as narrativas da vida amada, a ser mais  
forte!

EDITORA  
**phillos.**  
ACADEMY

[www.phillosacademy.com](http://www.phillosacademy.com)